

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

Espaços da Singularidade:

Manifestações Múltiplas do Cotidiano da Praça de Batista Campos, Belém/Pa

João Afonso Miranda Dias (UFPA/NAEA)¹

Geógrafo Graduado/Licenciado/UFPA

Especialista Internacional em Áreas Amazônicas/NAEA

jafonsodias@yahoo.com.br

RESUMO

O esforço teórico-metodológico aqui apreendido faz parte de um ano de intenso processo de discussão com o intuito de se pensar a cidade de Belém/Pa a partir de suas *praças* e/ou *ruas*. Espaços esses considerados aqui como de vital importância para as manifestações advindas de vivências e insurgências cotidianas múltiplas e que emprestam os seus diversos sentidos e *rítmos* a uma cidade tropical como a de Belém. Nesse viés, a praça de Batista Campos, enquanto realidade empírica de complexo caráter social, acaba por ser um exemplar privilegiado e qualificado para a presente análise. Pois, revela-se síntese dos complexos conteúdos estratégicos que se estabelecem em torno da produção do seu espaço social. É, a partir daí que, se estabelece embates no vivido contraditoriamente e que vão desde a confrontação física, de caráter ideológico, até os jogos de prestígio com o estabelecimento de tácitos acordos advindo de vicissitudes simbólicas e imaginárias. Passa-se, deste modo, de um espaço formal e frio à um espaço outro, dotado de qualidades intrínsecas, característicos de sua natureza indomável marcada pela transitoriedade do seu *Vir-a-Ser*.

Palavras-Chave: Espaço Público, Práticas Sociais, Vida Urbana, Belém do Pará.

¹ Geógrafo bacharelado e licenciado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Especialista em Planejamento e Gestão Internacional de Áreas Amazônicas pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/FIPAM).

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

1 INTRODUÇÃO

Pensar a *urbe* de Belém a partir de suas *ruas* e/ou *praças* representa um esforço teórico-metodológico o qual parte do pressuposto de que esses espaços, vividos e construídos no fazer diário da vida, podem ser projetados imagetivamente como símbolos da urbanidade desta cidade. Uma vez que, por serem espaços apropriados por vivências e insurgências cotidianas múltiplas, que contém e que estão contidas em uma realidade urbana de complexo caráter social, emprestam seus diversos sentidos e *rítmos* a esta cidade dos trópicos amazônicos.

A análise de um lugar de encontro e simultaneidade da multiplicidade da vida urbana e social em uma cidade como a de Belém é, portanto, de fundamental interesse à análise científica desse *socius* complexo (VELHO, 1986, 1987, 2005) que é o urbano. Tendo em vista que sua apreciação potencializa a dimensão espacial dos processos de reprodução das relações sociais por mergulhar na esfera do cotidiano e da análise do vivido, do lugar propriamente dito, o qual vai ser alcançado por meio do entendimento que o espaço é produto, condição e meio de reprodução social. Pois, pode-se dizer que, o espaço urbano da cidade capitalista é, ao mesmo tempo, produto dos inúmeros agentes sociais que ao produzirem o espaço urbano a consumem, mas também é, simultaneamente, condição de reprodução das relações sociais e meio indispensável para que essas relações aconteçam.

Nesse sentido, os estudos dos espaços das praças e/ou ruas de uma metrópole se envereda aqui à análise dos múltiplos e singulares usos, agires e modos de apropriação que nesse espaço se verifica. Diversidade social esta que se projeta como a imagem de uma vida urbana e social da metrópole e que não se cumpre sem esforços de se firmar (LEFEBVRE, 2001, 2002). Pois, que a mesma faz frente aos inúmeros processos de revitalização e valorização implementados pela prefeitura municipal de Belém, via planejamento e gestão da cidade. Nestes termos compreende-se pois, que o domínio do espaço é o meio e, ao mesmo tempo, revela as contradições *do* espaço e não *no* espaço e que permitem com que a crise e o movimento ganhem existência e, por meio das quais o espaço é produzido enquanto *singularidade*.

Cabe, a partir do exposto, indagar como a multiplicidade da vida humana, os diferentes aspectos dos seus usos e agires que, possuem neste espaço em estudo o seu substrato essencial, persistem e insistem frente aos inúmeros processos de revitalização que, constantemente, se implementa e que corresponde numa privatização, em um dos espaços públicos mais qualificados da cidade de Belém? Pois que, por ser alvo estratégico e simbólico para o Estado, a praça de Batista Campos passa a ser foco privilegiado de inúmeros projetos de revitalização que possuem como objetivo primordial ordenar, disciplinar e retalhar. Impondo, portanto, a este espaço apropriado uma dominação.

Nesse sentido, a primeira parte deste artigo trata sobre a discussão teórica e conceitual para o melhor entendimento do espaço público da praça de Batista Campos e/ou rua dos Tamoios. Embasamento dado por um determinado entendimento do conceito teórico e prático do que é a cidade e o urbano, a partir de Lefebvre (2001, 2002). Na segunda parte, apresentar-se-á o momento atual das práticas sociais e culturais, com a constituição de um *Vir-a-Ser*, ao invés de Ser, no/do espaço. É, nesse momento, que se vê de forma mais clara que a produção do seu espaço é um jogo dialético onde se busca a todo o custo minimizar, recalcar e decalcar os múltiplos e contraditórios conteúdos que nesse espaço se vivencia, com o objetivo cada vez maior de se ordenar, disciplinar e retalhar o espaço agora em sua expressão formal e lógica.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

2 PRODUÇÃO DO ESPAÇO E ECONOMIA POLÍTICA DA CIDADE: TEORIA E CONCEITOS PARA ABORDAGEM DO ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público da praça Batista Campos revela contradições inerentes a produção do seu espaço social. Contradições essas que se fazem e se reproduzem por meio das práticas materiais da multiplicidade de formas de apropriação e das estratégias de dominação que em seu espaço se exerce.

Nesta reflexão, as contradições do espaço ganham importância a dimensão espacial dos processos sociais enfocada por uma economia política da cidade o que possibilita o envolvimento e o reconhecimento das considerações do significado da produção do espaço. Visto que a produção do espaço é o pressuposto para a compreensão destas contradições que implodem a realidade social sem, no entanto, fazerem-na explodir, de forma que o valor de troca possui um filtro que homogeneiza, porém nem sempre reage no que se refere a dialética dos conteúdos que acabam por reagir e resistir a igualização.

Com isso, para a presente análise é de fundamental importância o conceito de espacialidade que é aqui entendido enquanto produto social, apropriado por meio das práticas sociais² a partir das necessidades de reprodução social, seja ela individual e/ou coletiva de grupo. A noção de espacialidade é importante para a análise aqui apreendida por permitir ultrapassar a rigidez do espaço-geométrico ou espaço-palco das práticas espaciais, enfatizando a noção do espaço não apenas como produto mas, também, como condição indispensável e meio para a reprodução social, potencializando, com isso, a dimensão do vivido.

Essa economia política da cidade seria, portanto, uma teoria mais ampla que permitiria pensar o espaço público da praça de Batista Campos em sua produção, como espaço construído, produzido socialmente e não deste ou daquele objeto presente no seu espaço. É, a partir disto, que se busca ir para além dos objetos presentes no espaço da praça chegando a essência das contradições. Saindo de uma análise das contradições *no* espaço para o entendimento das contradições *do* espaço (DAMIANI, 1999), ou seja, chegando a essência de suas contradições que lhes são inerentes possibilitando, assim, ir de uma análise da construção de objetos para uma análise da constituição de práticas sociais urbanas prenes de contradições.

É, nesse sentido, que se observa aqui o reconhecimento da cidade enquanto *obra* produzida e vivida, no cotidiano das relações de imediaticidade, o que acaba por revelar uma potência intrínseca ao urbano. Essa potência urbana, energia concentrada e acumulada de relações sociais, se evidencia como possibilidade de forma mais clara e imediata na vida daqueles que vivem e vivenciam uma cidade tropical como Belém por meio de seus lugares³ qualificados, tais como uma rua e/ou uma praça. Nesta perspectiva, se compreende que

² As práticas sociais humanas são tempos, ritmos da vida que ao se materializarem criam formas espaciais, espacialidades, apropriadas socialmente pelos grupos sociais, a partir de seus usos e agires múltiplos.

³ Para Santos (1999, p. 258), o lugar seria o “[...] quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. Já na concepção de Carlos (1996 b, p. 20-21, *grifo nosso*), “[...] O lugar é a porção do espaço apropriado para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a *praça*, a *rua* [...] – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos”.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

[...] a própria cidade é uma obra, e esta característica contraria com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto é o valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das *ruas* e das *praças*, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas e, objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 2001, p. 04, *grifo nosso*).

Espaços esse, então, contidos e que contém a cidade são produzidos por sociabilidades próximas onde os laços de solidariedade se confundem com seus anseios, desejos, paixões etc. Espaços públicos privilegiados, formas espaciais que se expressam por meio da dialética de seus conteúdos.

A partir do que já foi exposto, portanto, entender-se-á aqui por espaços públicos, *locus* privilegiados de vida urbana e social, como aqueles espaços vividos e construídos no *cotidiano*, nas relações de proximidade que a própria esfera pública contemporânea promove e que possibilitam àqueles que a freqüentam amplas formas de uso e apropriação de acordo com os seus vários e múltiplos anseios, desejos, paixões etc. – por meio do lúdico, da música, das artes, do falar junto, do tête-à-tête, dos jogos de interpretações, do lazer que pressuponha o uso e a apropriação do corpo etc. – que compõe os múltiplos sentidos da existência humana. São espaços que divulgam o uso e a construção de uma identidade local, assim como o sentimento de pertencimento, com o lugar, por isso mesmo *singulares* – o singular enquanto vivência urbana coletiva de forma única e criativa. Possibilitando, deste modo, o desenvolvimento *multidimensional* do ser humano.

3 O VIR-A-SER DO ESPAÇO: AS MANIFESTAÇÕES MÚLTIPLAS DO COTIDIANO DA PRAÇA DE BATISTA CAMPOS

É nessa malha de relações contraditórias, como anteriormente visto, que se articula dois momentos da produção do espaço de Batista Campos. Se, de um lado, há a prevalência da lógica, pelos instrumentos técnicos, pela quantificação e pela imposição de uma lógica (formal) do espaço cujos conteúdos se vêm reduzidos e recalcados, por meio de planos de revitalização, implementação de monitoramento e vigilância, mapeamento de uso etc. a partir de normais de planejamento e gestão da cidade. De outro lado, a dialética dos conteúdos, das classes e grupos sociais que se apropriam desse espaço quase que, em sua maioria, de forma clandestina, precária e desejosa de acordo com seus símbolos e signos de encontro que dão a esse espaço privilegiado o potencial da vida urbana enquanto civilidade e urbanidade.

Isso se assemelha as duas cidades distintas, porém, complementares, enfocadas por Hardt e Negri (2002), parafraseando Agostinho, as quais se entrelaçam, se confundem, se superpõem coexistindo em Batista Campos, juntamente com seus tempos e *rítmos* próprios das espacialidades múltiplas dos grupos sociais e de seus agires respectivos. Onde “[...] el ascenso, el desarrollo y el fin destinado de las dos ciudades... que hallamos... entretejidas... y mezcladas entre sí”, conforme Agostinho (apud HARDT, NEGRI, 2002, p. 418).

Um primeiro momento, portanto, incide sobre o desvendamento de estratégias que movidas por lógicas sociais possuem no espaço um apoio substancial para a sua realização. Isso se faz por meio do qual o domínio do espaço, com a construção de obras de infra-

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

estrutura, é fonte fundamental e pervasiva de poder social na e sobre as relações que se estabelecem na vida cotidiana (HARVEY, 1992). É neste instante que se reafirma a prevalência da lógica (formal), da razão, que ao se transfigurar em uma razão cada vez mais instrumental, logo prática, como sentido único da realidade social, surge, portanto, como uma estratégia de *dominação* do mundo que é tanto política quanto econômica. Esse primeiro momento é o da propriedade, da privatização do espaço, da apropriação enquanto recalque, estrangulada, caricatural.

Ora, isso sinaliza para a imposição de uma forma-conteúdo do espaço da praça de Batista Campos reduzidos estrategicamente e que são marcados por seus signos proibitivos, que se revelam por meio da capacidade de definir os padrões de uso e o ordenamento do espaço de Batista Campos por meio de instrumentos de revitalização que são elencados por uma representação do espaço pelo seu mapeamento. O layout produzido na gestão municipal, em 1996, revela claramente essa intervenção que acaba por refletir no cotidiano daqueles que freqüentam esse espaço da praça (Figura 1).

FIGURA 1: LAYOUT DE REVITALIZAÇÃO



Figura 1: Layout de revitalização da praça de Batista Campos na gestão de Edmilson Rodrigues.

FONTE: SEMMA, 2006.

Revitalizações essa que através de um maior policiamento, vigilância, normas e códigos de condutas dirigidas pela prefeitura acabam por serem investimentos que homogeneizam e impõem-se às práticas desiguais historicamente datadas, que, por sua vez, revelam as resistências dos múltiplos sentidos e *ritmos* que nela se constitui. Seus signos expressam estratégias que se configuram muitas vezes em placas, cabines de vigilância⁴ - a

⁴ As duas cabines de vigilância implementadas pela prefeitura de Belém na atual gestão de Dulciomar Costa foram construídas nas duas esquinas que possibilitem com maior facilidade observar, de um lado, o fluxo que vem de um lado dos bairros do Jurunas, Guamá, Condor com a cabine construída na esquina da rua dos Mundurucus com a Avenida Padre Eutiquiu, enquanto a outra, localizada na esquina da rua dos tamoios com avenida Serzedêlo Correa, fiscaliza o fluxo de carros e pessoas que vem dos bairros de Comércio, Fátima, São Brás, Nazaré.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

qual não estava na planta do projeto original elaborado pela SEMMA para a revitalização da gestão Dulcimar Costa -, posto da polícia municipal, câmeras etc. que facilitam o olhar disciplinador da diversidade de grupos que passam pelo quadrilátero de Batista Campos.

Cabe aqui enfocar, por hora, apenas algumas das inúmeras *estratégias* recentes e de maior visibilidade para compreensão de quão forte é o investimento para essa privatização de um espaço público como o de Batista Campos. Para isso, Foulcaut (1996) servirá de grande apoio para esse desvendamento tendo em vista que, conforme apontado por Damiani (1999), o desvendamento das estratégias sociais que possuem no espaço um instrumento fundamental perpassa pela decifração dos conteúdos complexos do espaço o qual:

- Exige a decifração do espaço social reduzido ao espaço “puro”, frio, como estratégia reduzindo seus conteúdos;
- Compreende que os conteúdos mais amplos não são resultado de um pensamento estratégico, mas reconhecer que há conteúdos adversos à forma predominante, e eles são reais, frutos e resíduos de ações individuais e/ou coletivas.

Nesse sentido, o olhar disciplinador do policial impede inúmeras formas de vivência que possuem apoio na praça de Batista Campos para manter-se e sobreviver. É, nesse sentido, que se impede o mendigo ou morador de rua de se deitar nos bancos ou de almoçar no interior dos coretos, de se pisar na grama nova colocada pela revitalização, de fazer os labirintos do interior da praça uma pista de ciclismo etc. Isso vem corroborar para a diferenciação entre o usador e o usuário.

Além disso, pode-se facilmente perceber que as cabines de vigilância implementadas criam e impõem no interior da praça vazios de sentido. Uma espacialidade que proclama alto o poder do Estado, por meio da prefeitura municipal de Belém, e que impossibilita formas de apropriação do espaço por parte do corpo, do tempo do humano, a partir do encontro e da simultaneidade.

[...] Os vazios tem um sentido: proclamam alto e forte o poder do Estado que os arranja, a violência que neles pode se desenrolar. Mais tarde afetam-se transparências para outras finalidades que justificam de uma outra maneira os entalhos na vida urbana (LEFEBVRE, 2001, p. 16).

Não podendo, com isso, se aproximar, se comunicar, tendo em vista que os guardas não se deixam aproximar pelo seu próprio isolamento no interior da cabine. A disciplina imposta por esse aparelhamento do espaço público tende a reduzir, filtrar, adestrar os *ritmos* dos agires múltiplos que compõe o corpo presente da/na praça. Esvaziando-se, assim, a partir de uma individualização que visa à sujeição. Conforme Foucault (1996 [1975], p. 153, *grifo nosso*), “[...] o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] ‘adestra’ as *multidões* confusas”.

Isso implica não apenas em uma domesticação das multidões, mas também um esfacelamento do espaço que é, concomitantemente, também uma domesticação e

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

esfacelamento do tempo. Portanto, do próprio ser humano. Essa preocupação, com efeito, já era evidente nos textos de *Vigiar e Punir*; texto de 1975, no qual Foucault (1996) destaca:

[...] É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação confusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antidesertificação, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimentos, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 1996 [1975], p. 131).

Repartições indecisas essas, portanto, que permitem o retalhamento e o não encontro dos indivíduos, à sua constituição múltipla tendo em vista que o Estado divide para dominar, para o melhor entendimento vale aqui uma citação de Carlos (2002).

[...] não é somente a atomização do social em indivíduos separados, em individualidades hostis, mas é a divisão quase sem limites dos conteúdos da sociedade, que é o suporte das relações sociais, ligados aos seus modos de existência. No espaço social, suporte material e imaterial das relações sociais, a fragmentação é um instrumento do poder político, ele divide e separa para reinar (CARLOS, 2002, p. 308).

Retendo e retalhando, com isso, a potência intrínseca ao urbano e a uma vida urbana múltipla.

No entanto, a vida cotidiana da praça de Batista Campos não se restringe somente às coações e constrangimentos, inerentes ao poder de Estado, sendo necessário ir para além das pretensas continuidades, observando os acidentes, as falhas, as fraturas e fissuras, os desvios que possuem neste espaço a sua materialidade irreduzível. Libertando, assim, a história de sua profundidade não manifesta para associá-la à dinâmica dos acontecimentos, à imprevisibilidade do devir e do seu *Vir-a-Ser*; ou seja, às surpresas sócio-espaciais.

Pois, o que se define aqui por espaço público não é por meio de seu livre acesso, ou ainda, pela perspectiva jurídica da Lei pois, a razão instrumental é da ordem das leis (DELEUZE, 2006), mas, sim, pela possibilidade de vida urbana onde os diferentes modos de apropriação se confrontam e se articulam no vivido, apropriando-se do espaço de acordo com seus interesses de representação, juntamente com os resíduos e as resistências às leis e normatizações concebidos por um código de gestão desses espaços da cidade. A lei só determina a semelhança dos sujeitos que estão submetidos a ela e a equivalência que ela designa. Nesse sentido, é de fundamental entendimento de que “a lei *constrange* seus sujeitos a só ilustrá-la à custa de suas próprias mudanças” (DELEUZE, 2006, p. 21, *grifo nosso*) das diferenças múltiplas dos *rítmos* e dos agires de seus grupos e frequentadores.

Foi visto ainda pouco o primeiro viés da construção social do espaço de Batista Campos. Faz-se necessário, neste momento, enfocar sua contrapartida. Um segundo momento, portanto, da produção do espaço nasce da introdução e inserção de conteúdos adversos, resistentes, irreduzíveis às ordenações e hierarquizações sociais e espaciais.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

Conteúdos adversos esses que vão da confrontação e embate, através da violência, à literatura, ao jogo e ao teatro, por meio do lúdico, do sonho e de suas representações⁵.

O uso do espaço, conseqüentemente, é o pressuposto essencial desse momento da construção social da praça e que permite ultrapassar as contradições *no* para *do* espaço, que estão no cerne do espaço de representações. O uso é aqui entendido, conforme Lefebvre apud Seabra (1996), como sendo da ordem do irracional, pois que “[...] uso do espaço, do tempo, do corpo, essencialmente porque abrigam dimensões da existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso!...” (SEABRA, 1996, p. 71). Dimensões essas ainda fundamentais para o ser humano. É, nesse sentido, que o uso guarda a dimensão da vida (CARLOS, 1999), que é plural indo para além da própria materialidade. Isso se assemelharia ao agir que Hardt e Negri (2002, p. 380) propõem sobre qual “[...] el poder de actuar es constituido por el trabajo, la inteligencia, la pasión y el afecto en un lugar común”.

Reconhece-se, assim, que “[...] as experiências subjetivas podem levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente ‘real’” (HARVEY, 1992, p. 188). Isso significa que as práticas de reprodução social não são determinadas pela forma material dos objetos presentes no espaço da praça de Batista Campos, pois que elas – as práticas sociais – tem o estranho hábito de escapar de sua circunscrição a todo esquema fixo de representação. Ora, isso só vem reforçar a transitoriedade do *Vir-a-Ser*, ao invés de ser. Uma vez que, sua natureza transitória possibilita resgatar formas de representação do espaço que foge a instância de dominação caindo em um espaço de representações. O que possibilita tratar, aqui, não apenas o espaço, mas, também o tempo e a história como algo a ser criado, construído, ao invés de aceito.

Deste ponto em diante pode-se agora recorrer ao apoio de Deleuze e Guattari (1995) para o esforço, aqui empreendido, do entendimento das múltiplas espacialidades presentes em Batista Campos. Isso se realizará a partir da noção de um espaço rizomático⁶, uma vez que as “multiplicidades são rizomáticas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 16). Desse modo, pode-se identificar aqui inúmeros exemplos, porém destacar-se-á apenas alguns dessas relações possíveis.

Um primeiro caso a ser abordado é a da relação rizomática entre o parquinho de criança e o aparelho de ginástica destinado aos atletas que freqüentam a praça. Há, nesse sentido, entre essas duas espacialidades um conjunto de traços de signos e códigos distintos que se interconectam dentro desse rizoma, de modo que “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15).

⁵ Segundo Pensavento (1995), em sua perspectiva histórico-cultural, a representação é o ressurgimento do passado a partir da combinação entre uma experiência com a evocação, consiste, portanto, em uma relação ambígua entre uma presença e uma ausência. No caso, a representação é a presentificação de uma ausente. Nos moldes do que fala Pensavento, Lefebvre propõe numa teoria da representação a qual envolvem temas como: a *ideologia*, envolta das representações; a *alienação*, reclamando o entendimento que supera a autoconsciência; o *conceito teórico*, capaz de esvaziar as representações; a *prática social*, cujo conteúdo são relações de criação – criação como momento de presença. Nesse sentido, para Lefebvre a representações implicam uma presença e uma ausência que são discutidas na dialética da coisa do produto e da obra (LEFEBVRE, apud SEABRA, 1996). Já na perspectiva cultural de Woodward (2004) a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos, nesse sentido, como sujeito. É por meio desses significados produzidos que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos.

⁶ Segundo Deleuze e Guattari (1995) “[...] um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 37, *grifo no original*).

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

Possibilitando com que haja “[...] diferentes códigos operando em função das diferenças de domínio” (VELHO, 1986, p. 39).

A partir disto, o devir-atleta da criança, no seu ato de brincar em aparelhos de ginástica, principalmente nas manhãs dos finais de semana, colocando seu balanço na barra de ferro ou fazendo do aparelho de abdominal um trezinho, proporciona um agenciamento⁷ maquinaico tal sobre a espacialidade dos aparelhos de ginástica que, por sua vez, se transverte na imagem do parquinho de criança. Por outro lado, o devir-criança do atleta, que tem na praça um *locus* de saúde e esporte, agencia o parquinho de criança que, por sua vez, traça sua linha de fulga se revestindo na imagem, por mimese, mimetismo, fingimento etc., no aparelho de ginástica.

Pode-se-ia dizer que o aparelho de ginástica e o parquinho de criança fazem um rizoma indomável em sua heterogeneidade dentro de um espaço de representações múltiplas. No entanto, fale aqui frisar que nessa relação de interconexão e heterogeneidade não há imitação, decalque mas, sim, captura do código, mais-valia do código, aumento de valência a sua enésima potência, verdadeiro devir, ou seja, seu *Vir-a-Ser*. Uma vez que, “não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significativo” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 19).

Um outro exemplo rizomático que necessita ser enfocado aqui é o da relação estabelecida entre o mendigo com o banco da praça. No entanto, antes se faz necessário distinguir duas ordens de práticas sociais que na praça possui apoio. Uma primeira ordem de práticas fala da vivência cotidiana por meio do lúdico, do circo, da caminhada e do passeio com as crianças, por exemplo. Uma outra ordem de práticas sociais que se configuram como uma estratégia de sobrevivência dos que freqüentam a praça de Batista Campos. É exatamente, por isso, que a permanência de flanelinhas ou de mendigos ao entorno da praça podem se configurar como tática de permanência e sobrevivência em uma vida repleta de dificuldades e exclusões.

Dito isso, pode-se agora fala de como o mendigo se relaciona com a praça, ou melhor, com os seus bancos. O interessante que o mendigo se assemelha ao “homem dos lobos” o qual evocam Deleuze e Guattari (1995). Trata-se aqui no singular, “o mendigo”, “o homem” dos lobos, mas “quem ignora efetivamente que os lobos andam em matilha?” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 42). A evocação da matilha de lobos possui no mendigo da praça o seu representante, ou melhor, a sua representação.

Esse homem “lobo” cerca a praça pois, efetivamente, ele se vê obrigado a estar fora dela. Não é um código de postura do município de Belém mas, parece ser uma coação e um constrangimento de classe, uma vez que nem todo aquele que anda na praça pela manhã gostaria de ver-se andando conjuntamente com um mendigo ao seu lado. Nesse sentido, ele fica a espreita, na periferia, pronto para no momento certo dar o “bote”. Dormi na praça. Afastando-se dela pela manhã ficando na periferia, para a noite voltar a dormi no interior da praça, nos bancos e corêtos.

É, exatamente, neste movimento que o banco deixa de ser banco. O mendigo em sua prática de sobrevivência agencia multiplicidades deslocando o banco da praça que, por sua vez, se reloca em seu novo destino, sua nova fase, uma cama por exemplo. No entanto, o banco da praça nunca foi cama e, talvez, nunca o seja realmente. Porém, ele se redefine, se

⁷ Conforme Deleuze e Guattari (1995, p. 17), “[...] um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

reveste, captura o código por uma sobrecodificação com o intuito de garantir o seu devir, a sua natureza imaginária e utópica do seu *Vir-a-Ser*.

Nesse sentido, “quando imagens cuidadosamente elaboradas durante anos são reinventadas” (VELHO, 1987, p. 45), como no caso da praça de Batista Campos, com imagens (re)construídas por usos e agires, resíduos e linhas de fulga, que prolongam seus estratos de projeções mentais e simbólicas ao espaço material, introduz-se uma gama de conteúdos irredutíveis ao espaço, o que permite que sua análise se enriqueça pois que essas projeções se referem ao lúdico, à obra, ao sonho, ao instintivo, a uma gama de energias que compõe o ser humano. Essas formas de vivência ressaltam o sentidos de criatividade e de uma insurgência do uso (SEABRA, 1996) pois, o uso do espaço resgata o sentido da obra que, por sua vez traz sentido a cidade. Tendo em vista que, a cidade em sua materialidade é produzida como arte pois, que, antes de ser produto de coisas, ela é uma construção das relações sociais.

A partir daqui, faz-se necessário apresentar um olhar mágico e, ao mesmo tempo, maquínico que se contrapõem ao olha estável e proibitivo da praça de Batista Campos, por meio de um *croqui* do seu espaço (Figura 2). Observando, nesta feita, a inserção de uma rica gama de conteúdos irredutíveis e dialeticamente expostos. Tendo em vista que, o mapa não é decalque, o qual comporta um eixo genético ou uma estrutura profunda, de um espaço formal, mas outra coisa é o mapa, o rizoma, que não é decalque uma vez que, como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 22), “se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para a experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói”.

FIGURA 2: CROQUI DA PRAÇA DE BATISTA CAMPOS

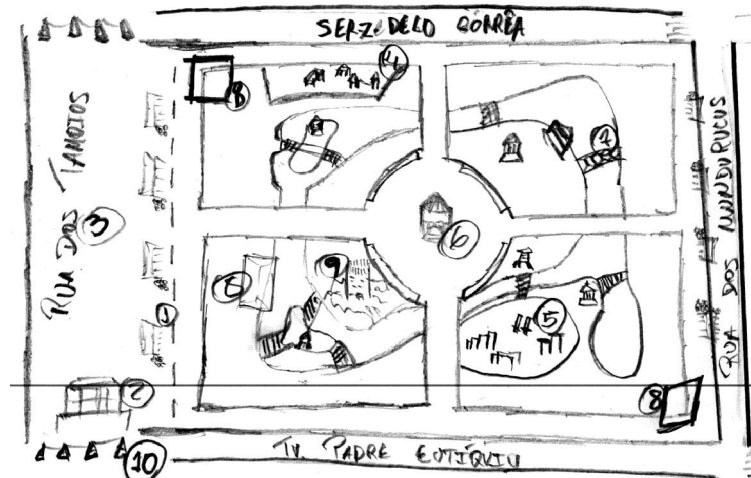


Figura 2: Croqui da praça de Batista Campos como plano utópico e imaginário do espaço. FONTE: DIAS, J. A. 2008.

Legenda:

1 – Barraca de côco; 2 – Palco de Show; 3 – Rua dos Tamoios aos finais de semana; 4 – A imagem do Aparelho de ginástica no Parquinho de Criança; 5 – Devir do Parquinho de Criança do aparelho de Ginástica; 6 – Coreto/Namorôdromo; 7 – Ponte sobre o lago; 8 – Vazios de Sentindo; 9 – Gruta/Castelo; 10 – Barreira contra carros.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

4 CONCLUSÃO

Nesse contexto, para a melhor conclusão desse artigo, que é resultado sintético de um trabalho monográfico de especialização, cabe aqui enfoca alguns pontos de maior relevância ao tema discutido. Um primeiro ponto a ser referido é que buscou-se aqui demonstrar a todo o custo que por ser um espaço singularmente múltiplo o espaço público da praça de Batista Campos acaba por comportar usos, agires e *rítmos* inerentes à própria gama de sentidos e perspectivas de uma metrópole amazônica como a de Belém.

Um outro ponto refere-se à importância que espaços públicos como a praça de Batista Campos possui para o poder de Estado. Nessa perspectiva o Estado veio implementando inúmeras obras de valorização e revitalização que por implementarem uma rígida e disciplinar organização do espaço acaba por tolhir as diferentes e múltiplas maneiras de expressão que dão vida e ânimo a esse espaço. No entanto, por ser da ordem dos conteúdos, das qualidades intrínsecas esses múltiplos usos de agires falam de uma projeção do espaço que vai para além dos objetos materiais, indo para um espaço de representações das quais remetem a sua natureza ilusória e utópica, se enveredando, portanto, à uma realidade imaginária composta de planos utópicos.

Conclui-se, desse modo, que por mais que haja a todo o custo a implementação e a imposição de uma lógica (formal), que busca ser hegemônica, nos espaços públicos das praças e na qual a praça de Batista Campos pode ser tida como um exemplo significativo, há a manifestações de vivências e insurgências advindas de uma multidão de sentidos e perspectivas que, ao resistirem e insistirem, garantem a cidade de Belém os seus sentidos e seus conteúdos preñes de irredutibilidade. O que caracterizaria sua natureza indomável de um *Vir-a-Ser*.

Natureza indomável essa, por mais que imperceptível aos olhos de um horizonte acanhado e limitado, possui força expansiva, suficiente em sua enésima potência para prolongar, tal como uma vontade de potência, de Nietzsche (1977), seus planos e linhas e deslocar, arrastar, relocando em outro lugar que não o da singularidade agora enfocada, a perspectiva dócil e domesticada, por ora, ainda presente na praça Batista Campos e/ou rua dos Tamoios.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

5 REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. 278 p.
- CARLOS, A. F. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996 b. 150 p. (Geografia: teoria e realidade).
- _____. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, M. (Org.). *O novo mapa do mundo: fim do século e globalização*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 2002. p. 303-309.
- DAMIANI, A. L; CARLOS, A. F; SEABRA, O. C. (Org). *O espaço no fim do século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2º ed. Rev. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____; GUATTARI, F. *Mil platôs*. capitalismo e esquizofrenia. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Imperio*. Buenos Aires: Editora Paidós, 2002.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- PENSAVENTO, S. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8. n. 16, p. 279-290, 1995.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA

“Caminando en una América Latina en transformación”

SAUGUEIRO, T. B. Especialidades e temporalidades urbanas. In.: CARLOS, A. F.; LEMOS, A. I. G (Org). *Dilemas urbanos*: novas abordagens sobre a cidade de São Paulo. São Paulo: Contexto, 2003. p. 99-104.

SEABRA, O. C. L. A insurreição do uso. In: MARTINS, J. S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.

SENNETT, R. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In.: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 2005. p. 249-267.

_____. *Subjetividade e Sociedade*. uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *Individualismo e Cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

VIRNO, P. *Gramática de la multitud*. para un análisis de las formas de vida contemporáneas. Buenos Aires: Colihue, 2003. 208 p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2004.